

## A ORAÇÃO DE ELIAS

Retomemos hoje as catequese sobre a oração, que interrompemos para fazer a catequese sobre o cuidado da criação, e agora recomeçamos; e encontramos um dos personagens mais fascinantes de toda a Sagrada Escritura: o profeta Elias. Ele supera os limites do seu tempo, e podemos ver a sua presença também em alguns episódios do Evangelho. Ele aparece ao lado de Jesus, juntamente com Moisés, no momento da Transfiguração.<sup>56</sup> O próprio Jesus refere-se à sua figura para dar crédito ao testemunho de João Batista.<sup>57</sup>

Na Bíblia, Elias aparece repentinamente, de uma forma misteriosa, proveniente de uma pequena aldeia que é completamente marginal;<sup>58</sup> e no final deixará a cena, sob o olhar do seu discípulo Eliseu, numa carruagem de fogo que o levará para o céu.<sup>59</sup> Portanto, é um homem sem uma origem exata, e sobretudo sem um fim, raptado para o céu: por esse motivo, o seu regresso era esperado antes da vinda do Messias, como um precursor. Era assim que se esperava o regresso de Elias.

A Escritura apresenta Elias como um homem de fé cristalina: no seu próprio nome, que poderia significar “Javé é Deus”, está contido o segredo da sua missão. Ele será assim para o resto da sua vida: um homem integérrimo, incapaz de compromissos mesquinhos. O seu símbolo é o fogo, a imagem do poder purificador de Deus. Será o primeiro a ser posto à prova e permanecerá fiel. Ele é o exemplo de todas as pessoas de fé que conhecem tentações e sofrimentos, mas não deixam de viver à altura do ideal para o qual nasceram.

A oração é a seiva que alimenta constantemente a sua existência. Por esta razão, é um dos personagens mais queridos à tradição monástica, a ponto de alguns o elegerem pai espiritual da vida consagrada a Deus. Elias é o homem de Deus, que se levanta como defensor da primazia do Altíssimo. No entanto, também ele é obrigado a enfrentar as próprias fragilidades. É difícil dizer quais experiências lhe foram mais úteis: se a derrota dos falsos profetas no Monte Carmelo,<sup>60</sup> ou a desorientação na qual constata que “não é melhor do que os seus pais”.<sup>61</sup> Na alma de quem reza, o sentido da própria debilidade é mais precioso do que momentos de exaltação, quando parece que a vida é uma cavalgada de vitórias e sucessos. Na oração acontece sempre isto: momentos de oração que sentimos que nos animam, até de entusiasmo, e momentos de prece de dor, de aridez, de provações. A oração é assim: deixar-se levar por Deus e deixar-se inclusive flagelar por situações negativas e por tentações. Esta é uma realidade que se encontra em muitas outras vocações bíblicas, também no Novo Testamento; pensemos, por exemplo, em São Pedro e São Paulo. Também a vida deles era assim: momentos de exultação e momentos de desânimo, de sofrimento.

Elias é o homem de vida contemplativa e, ao mesmo tempo, de vida ativa, preocupado com os acontecimentos do seu tempo, capaz de se lançar contra o rei e a rainha, quando eles mandaram matar Nabot para se apoderarem da sua vinha.<sup>62</sup> Quanta necessidade temos de crentes, de cristãos zelosos, que ajam diante de pessoas que desempenham responsabilidades de dirigentes, com a coragem de Elias, para dizer: “isto não se deve fazer! Isto é um assassinio!”. Precisamos do espírito de Elias. Deste modo, ele nos mostra que não deve haver dicotomia na vida de quantos rezam: está-se perante o Senhor e vai-se ao

encontro dos irmãos aos quais ele envia. A prece não é um fechar-se com o Senhor para mascarar a alma: não, isto não é oração, uma oração assim é fingida. A oração é um confronto com Deus e um deixar-se enviar para servir os irmãos. A prova da oração é o amor concreto ao próximo. E vice-versa: os crentes agem no mundo depois de terem, primeiro, silenciado e rezado; caso contrário, a sua ação é impulsiva, desprovida de discernimento, é um correr ofegante sem meta. Os crentes comportam-se assim, cometem tantas injustiças, porque não foram primeiro rezar diante do Senhor, discernir o que devem fazer.

As páginas da Bíblia sugerem que também a fé de Elias progrediu: ele cresceu na oração, aperfeiçoou-a pouco a pouco. Para ele, o rosto de Deus tornou-se mais nítido ao longo do caminho. Até atingir o seu ápice naquela experiência extraordinária, quando Deus se manifestou a Elias no monte.<sup>63</sup> Ele manifesta-se não na tempestade impetuosa, não no tremor de terra nem no fogo devorador, mas no “murmúrio de uma leve brisa”.<sup>64</sup> Ou melhor, uma tradução que reflete bem aquela experiência: um fio de silêncio sonoro. É assim que Deus se manifesta a Elias. É com este sinal humilde que Deus comunica com Elias, que, naquele momento, é um profeta fugitivo que perdeu a paz.

Deus vai ao encontro de um homem cansado, de um homem que pensava ter falhado em todas as frentes, e com aquela brisa leve, com aquele fio de silêncio sonoro faz voltar ao seu coração a calma e a paz.

Esta é a vicissitude de Elias, mas parece escrita para todos nós. Em certas noites, podemos sentir-nos inúteis e solitários. É então que a oração virá e baterá à porta do nosso coração. Todos nós

podemos aceitar uma parte do manto de Elias, como o seu discípulo Eliseu aceitou metade do manto. E mesmo que tivéssemos feito algo de errado, ou se nos sentíssemos ameaçados e apavorados, regressando a Deus com a oração, voltarão também como que por milagre a serenidade e a paz. Eis quanto nos ensina o exemplo de Elias.

*Papa Francisco*

*Audiência geral 7 de outubro de 2020*

## CAPÍTULO 9

<sup>56</sup> Cf. Mt 17,3.

<sup>57</sup> Cf. Mt 17,10-13.

<sup>58</sup> Cf. 1Rs 17,1.

<sup>59</sup> Cf. 2Rs 2,11-12.

<sup>60</sup> Cf. 1Rs 18,20-40.

<sup>61</sup> Cf. 1Rs 19,4.

<sup>62</sup> Cf. 1Rs 21,1-24.

<sup>63</sup> Cf. 1Rs 19,9-13.

<sup>64</sup> 1Rs 19,12.